

O HEDONISMO NA OBRA VIDAS E DOCTRINAS DOS FILÓSOFOS ILUSTRES DE DIÓGENES LAÉRCIO: OS CIRENAICOS E EPICURO *

Markus Figueira da Silva **

Resumo:

Trata-se da análise crítica que opõe a apresentação do pensamento cirenaico no livro II da obra de Diógenes Laércio à apresentação do pensamento de Epicuro no livro X dessa mesma obra. Além das lacunas explicativas sobre o historiador e sua obra, pretendo mostrar o interesse do autor em evidenciar a grande importância do pensamento epicurista em detrimento do cirenaico, notadamente no que tange à questão do prazer e às diferenças específicas entre os dois tipos de hedonismo. Ao que parece, para Laércio, Epicuro recupera um sentido ético socrático para o prazer, o que não se encontra nem no pensamento de Aristipo, nem no dos seus seguidores. Entretanto, quando observado o texto, as semelhanças entre eles são mais evidentes que as diferenças. Em muitos aspectos Epicuro é bastante influenciado pelos cirenaicos, sobretudo em sua ética.

Palavras-chave: ética; hedonismo; cirenaicos; epicurismo; prazer.

L'HÉDONISME DANS LES VIES ET DOCTRINES DES PHILOSOPHES ILLUSTRES DE DIOGÈNE LAËRCE : LES CYRÉNAÏQUES ET ÉPICURE

Résumé: Cet article traite de l'analyse critique qui oppose la philosophie cyrénaïque dans le livre II de l'œuvre de Diogène Laërce à la présentation de la pensée d'Épicure dans le livre X. Il s'agit en plus de montrer la volonté de l'auteur à prouver la grande importance de la philosophie épicurienne au détriment de la philosophie cyrénaïque, surtout en ce qui concerne la question du plaisir et les différences particulières à chacun des deux types

* Recebido em: 07/06/2017 e aceito em: 12/07/2017.

** Professor do Departamento de Filosofia e do PPGFIL da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

d'hédonisme. Il semblerait que, pour Laërce, Épicure récupère un sens de l'éthique socratique sur le plaisir, ce qu'on ne retrouve ni dans la pensée d'Aristippe ni dans celle de ses disciples. Cependant, en regardant de plus près le texte on voit ressortir plutôt des similitudes que des différences entre les deux. On remarquera enfin la grande influence de l'école cyrénaïque sur la pensée d'Épicure, en particulier sur son éthique.

Mots-clés: éthique, hédonisme, école cyrénaïque, épicurisme, plaisir.

1 – Sobre o autor e a obra

Todas as traduções das **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres** trazem praticamente as mesmas informações acerca de Diógenes Laércio. Os pesquisadores consideram um enigma a sua origem, a sua formação, o conjunto da obra por ele produzida, enfim, a sua personalidade e o significado do seu nome (GENAILLE, 1965). Como não há precisão acerca da época em que viveu Diógenes, estima-se que tenha sido entre o século II e o século IV d.C. Sobre a obra, os títulos variam de edição para edição ao longo da história, sendo o mais longo e o mais explícito, segundo os manuscritos, **Vidas, Doutrinas e Sentenças dos Filósofos Ilustres de cada Seita**. Isso se explica pela metodologia adotada, que reuniu os filósofos segundo os heresiarcas, ou aqueles que continuaram os ensinamentos do mestre, ainda que em épocas diferentes. Os estudiosos da obra chamam a atenção para o estilo pouco responsável de Diógenes para com a historiografia das ideias, negligenciando muitas vezes análises mais profundas do conteúdo de cada pensamento e privilegiando as anedotas e fatos biográficos dos filósofos chamados ilustres. Quem se debruça sobre os dez livros que compõem a obra percebe a intenção do autor em fazer uma História da Filosofia, contudo também nota diversas imprecisões e a visão sumária, ou reducionista, que a maioria dos livros apresenta. A diferença se mostra no livro X, que é dedicado inteiramente a Epicuro, e denota uma maior simpatia do historiador para com este pensamento, pois preserva três cartas na íntegra e mais quarenta máximas.

Quanto aos outros livros, Diógenes presenteia o leitor com um estilo leve, que faz das notícias e anedotas uma aprazível aquisição de informações sobre a vida dos filósofos e sobre as obras por eles produzidas.

Neste estudo pretendo me deter no capítulo oito do livro II, dedicado aos que tiveram contato com Sócrates, neste caso, os cirenaicos, que são contemporâneos de Platão, dos cínicos e dos megários, e produziram seu

pensamento entre o final do século V e a primeira metade do século IV a.C. Gostaria de comparar a apresentação do pensamento cirenaico com a apresentação do pensamento epicúreo no livro X. O objetivo é explicitar a noção de *hedonè* para os cirenaicos e para Epicuro com o fito de diminuir a confusão que muitas vezes se faz quando se tenta estudar a noção de prazer entre esses filósofos. Além disso, cumpre evidenciar a sobriedade de Epicuro na definição do prazer como bem, assim como a sua coerência quando relaciona na sua ética as noções de amizade, prazer e filosofia.

2 – Diógenes Laércio e os cirenaicos

Seguindo a metodologia laerciana, o capítulo oito do livro II começa com uma pequena nota biográfica sobre Aristipo de Cirene, iniciador da escola e o seu principal representante. Em seguida surge um conjunto de anedotas que expressam as respostas dadas por Aristipo a diversos interlocutores que o interpelavam acerca do seu modo de vida e da sua ética pragmática e hedonista. É preciso dizer que algumas das anedotas foram atribuídas a outro personagem, sem que possa ser comprovada a autenticidade dos fatos. Porém o que interessa aqui é a exposição do pensamento de Aristipo sobre o prazer. Além das citações feitas por Diógenes Laércio e Xenofonte, os relatos doxográficos de Plutarco, Sexto Empírico e Eusébio contribuem para o esclarecimento da relação entre afecção, sensação e prazer.

Vamos aos textos:

Estes, então que permaneceram fiéis aos ensinamentos de Aristipo e ficaram conhecidos como cirenaicos, sustentavam as seguintes opiniões: admitiam dois estados da alma – o prazer e a dor (pónon kai hedonèn) –, sendo o prazer um movimento suave, e a dor um movimento brusco. Um prazer não difere de outro prazer, nem um prazer é mais agradável que outro; todos os seres animados aspiram ao prazer e repelem a dor. Entretanto, o prazer é o físico, que é também o fim supremo, como afirma Panécio em sua obra Das Escolas Filosóficas, e não o prazer estático (katasmatikèn hedonèn), resultante da eliminação das dores, nem a ausência de perturbação aceita por Epicuro como o bem supremo. Os cirenaicos sustentam que há uma diferença entre bem supremo e felicidade (eudaimonías). O bem supremo é na realidade o prazer isolado

(méros hedonén), enquanto a felicidade é a soma de todos os bens isolados, na qual se incluem também os bens passados e futuros. (LAÉRCIO. **Vidas II**, 8, 86-87)

Nessa passagem é possível identificar a influência de Aristipo sobre Epicuro, a começar pelo vocabulário empregado. As noções de prazer e dor, felicidade, prazer estático, etc. são utilizadas também por Epicuro na sua análise do prazer. O que precisa ser esclarecido é o seguinte: quais as modificações operadas por Epicuro na definição de prazer que o diferencia de Aristipo? Voltemos ao texto de Diógenes no capítulo oito do segundo livro:

O prazer isolado é desejável por si mesmo, ao passo que a felicidade é desejável não por sua própria causa, e sim por causa dos prazeres isolados. A prova de que o prazer é o bem supremo está no fato de que desde a infância somos atraídos instintivamente para o prazer e, quando o obtemos, nada mais procuramos, e evitamos tanto quanto é possível o seu oposto, a dor. O prazer é bom, ainda que resulte dos fatos mais vergonhosos, como diz Hipóboto, em sua obra Sobre as Escolas Filosóficas, pois até quando a ação é absurda (práxis átopos) o prazer é por si mesmo desejável e bom. A remoção da dor (algountos hypexairesis), entretanto, defendida por Epicuro, parece-lhes que não é um prazer; nem tampouco a ausência de prazer é dor. Com efeito, prazer e dor são movimentos (kinései), ao passo que nem a ausência da dor (aponía) nem a ausência do prazer (aedonían) são movimentos (a ausência da dor é como se fosse a condição da pessoa adormecida). Os cirenaicos afirmam que certas pessoas podem deixar de escolher o prazer porque seu espírito é pervertido, pois nem todos os prazeres e dores psíquicos são determinados por prazeres e dores somáticos. Por exemplo, deleitamo-nos desinteressadamente com a prosperidade de nossa pátria, como se tratasse da nossa própria prosperidade. Negam, todavia, que o prazer possa decorrer da recordação ou da expectativa de bens (essa é a teoria de Epicuro). De fato, o movimento da alma se exaure com o tempo. Os adeptos dessa escola afirmam ainda que o prazer não pode resultar apenas da visão ou da audição, já que ouvimos com prazer a imitação dos lamentos, enquanto os lamentos reais causam sofrimento. Os cirenaicos chamaram a ausência de prazer e a ausência de dor de condições intermediárias; em sua

*opinião os prazeres somáticos (sōmatikós) são muito melhores que os psíquicos (psychikôn), e as dores somáticas são muito piores que as dores psíquicas, e essa é a razão de os culpados serem punidos com as primeiras. Presumiam que a dor é mais penosa, e o prazer é mais conforme a natureza, e por isso davam muito maior atenção ao corpo que à alma. Mais ainda: embora o prazer seja desejável por si mesmo, esses filósofos sustentam que as causas geradoras de certos prazeres são de natureza dolorosa e frequentemente são o contrário do prazer, de tal maneira que o acúmulo de prazeres que não produz felicidade lhes parece muito difícil. (LAÉRCIO. **Vidas II**, 8, 88-90)*

Nessa descrição é possível detectar a influência de Aristipo sobre Epicuro em relação à seguinte afirmação: em primeiro lugar, o prazer (*hedoné*) é o bem supremo. *Na Carta a Meneceu*, Epicuro diz que o prazer é o bem primordial e congênito (LAÉRCIO. X, 1, 128). A busca do prazer e a sua aquisição estão de acordo com a natureza e são, por isso, naturais e necessárias à realização da vida feliz (*makários zen*). Nesse sentido, a vida feliz é feita de momentos prazerosos, que são definidos por uma conduta reflexiva que consiste na escolha (*airesis*) das ações que terão como resultado o gozo, sem que esta ação leve ao sofrimento. Por outro lado, a recusa (*phygé*) de determinadas ações irrefletidas, movidas pela ignorância, ou pela ilusão (falsa aparência) do prazer, pode ter como consequência evitar a dor. Trata-se, em última instância, de uma economia dos desejos, mediada pela sabedoria (*phrónesis*), que permite discernir entre o que é natural e necessário e o que é natural, mas não necessário, ou, ainda, o que não é nem natural nem necessário. Contudo em relação a esse ponto, segundo Laércio, eles estão em desacordo, pois, para os cirenaicos, só recusam o prazer aqueles que são pervertidos, isto é, não compreendem a naturalidade do prazer, que, por mais absurdo que seja, deve ser realizado. Epicuro refuta essa tese cirenaica, impondo uma medida para o prazer, segundo a natureza, aceitando a tese de Platão e de Aristóteles de que existem prazeres falsos, que são escolhidos em virtude da opinião falsa que se tem acerca deles. Nota-se que a tematização do prazer no período que separa Aristipo de Epicuro foi fundamental para que este adotasse o procedimento de mensurar os prazeres, tendo em vista o efeito da ação, que pode ser a dor. Os pressupostos para a arte de medir, nesse caso, são a *phrónesis* e o *logismós* (cálculo medidor), termos utilizados por Platão no diálogo **Philèbo**. O prazer como fim realizável a cada momento requer um exercício constante

de agir segundo o discernimento, pois o estado de prazer não é contínuo. Há que se considerar que a dor quando não é provocada por uma ação desprovida de sabedoria, mas resulta de um acontecimento fortuito, está fora do poder de deliberação de cada um; além disso, é o modo próprio de ser das coisas da natureza (*katà Phýsin*). Não há nem entre os cirenaicos, nem entre os epicuristas a noção de felicidade contínua. A vida feliz é aquela que se realiza descontinuamente a partir de cada ação e de cada deliberação (escolha e recusa). A maior atenção dada ao corpo justifica-se porque as sensações são o princípio do conhecimento e o que define a experiência da afecção. Mas é preciso esclarecer que a alma, para Epicuro, também é um corpo, que não pode ser dissociado do corpo-carne. Assim, não é possível nem o prazer, nem a dor, sem a interação entre corpo e alma. Não pode haver prazeres e dores do corpo, sem que haja a participação da alma, que dá sentido às sensações, transformando-as em sentimentos. Se for assim, então o gozo é um sentimento que brota concomitantemente à sensação, e da mesma maneira o sofrimento. Epicuro afirma algo novo em relação ao que havia sido dito pelos cirenaicos, que diz respeito à memória (*mnéme*) tanto do prazer, quanto da dor. A memória é o receptáculo dos sentimentos de prazer e de dor, donde se conclui que nela se encontram as imagens das experiências vividas; é ela que impulsiona o indivíduo a deliberar, isto é, a escolher e a evitar. Epicuro introduz a ideia de que a alma, na qual se situa a memória, pode exercitar-se num processo de rememoração e gozar de prazeres através da lembrança de experiências prazerosas, e o acúmulo dessas experiências torna a imaginação um recurso para diminuir e, às vezes, extirpar a dor sentida num dado momento. Uma espécie de terapêutica da memória. Outro argumento de Epicuro expõe a ideia de que a memória é fonte de imaginação para a projeção futura de uma ação visando ao prazer, por um lado, ou para evitar uma situação penosa, que já tenha ocorrido.

3 – Semelhanças e dessemelhanças entre Epicuro e os cirenaicos em relação à tese de que prazer é o bem

O prazer é o princípio e o fim da vida feliz. O prazer é o nosso bem primordial e congênito e, partindo dele, movemo-nos para qualquer escolha e rejeição, e a ele voltamos usando como critério de discriminação de todos os bens, as sensações de prazer e de dor.
(LAÉRCIO. *Vidas X*, 1, 128-29)

A problemática que envolve a noção de *hedoné* é muito anterior ao pensamento de Epicuro e podemos dizer que ela se torna efetivamente objeto da filosofia a partir de Sócrates, ou, pelo menos, da “herança” socrática. Todavia, no período helênico, ela foi resgatada como questão fundamental da ética na antiguidade. Eleger o prazer como o Bem por excelência é atribuir à sensação o primado sobre a compreensão da realidade e, mais ainda, definir o prazer como medida plena de realização do homem no mundo.

Porém, é preciso explicitar como se dá essa compreensão e a que medida o prazer responde positivamente.

Em primeiro lugar, tudo aquilo que se acredita conhecer tem origem nas sensações, que brotam no momento em que ocorrem os *páthe*, isto é, as afecções entre corpos. As sensações tornam-se impressões (*prolêpseis*) ao imprimirem-se na alma, o que constituirá também a memória (*mnéme*). O pensamento (*diánoia*) é a articulação das impressões sensíveis, sob a forma de projeções do pensamento (*epibolé tés diánoias*) que, através de analogias, torna possível pensar os níveis macrofísicos e microfísicos, que escapam à sensibilidade imediata. Epicuro considera o pensamento um fenômeno inerente à natureza humana, que deve ser explicado enquanto fenômeno físico, sem recorrer a quaisquer causas imaginárias que extrapolem o nível fenomênico da realidade estudada e compreendida pela *physiología*, que estuda a alma como corpo físico e, portanto, como fenômeno. Assim, as sensações dão origem ao pensamento que, por sua vez, é o princípio do agir; isto faz pensar que as deliberações promovidas pelo pensamento objetivam, mais que tudo, a realização do bem-estar experimentado pelos sentidos. Esse bem-estar, que pode ser chamado de estado de equilíbrio (*eustatheía*), é caracterizado no contexto do pensamento epicúreo como estado de prazer (*hedoné katastematiké*). O sentido da filosofia, como exercício de realização da vida feliz, é o bem-estar, o equilíbrio, ou o prazer.

As proposições acerca do prazer (*hedoné*) têm sido objeto de muitos estudos e discussões entre os comentadores de Epicuro.¹ Afinal, trata-se da investigação em torno do bem, ou seja, da finalidade da ética epicúrea, o que, nesse pensador, é o mesmo que dizer a finalidade da *philosophía*. A análise dessas proposições conduz à tematização do equilíbrio mediante a articulação do sentido último da *philosophía*, que é o de realização de uma existência feliz (*makários zên*).

As interpretações tecidas sobre a obra de Epicuro têm, na sua maioria, o objetivo de depurar o conceito de *hedoné* das opiniões que dele tiveram

primeiramente os cirenaicos, isto é, aqueles que com Aristipo de Cirene apresentaram o prazer no cerne mesmo das discussões filosóficas. Acreditamos que Epicuro tenha compreendido a necessidade de reformular a noção de prazer estabelecida pelos cirenaicos após ser tocado pelas análises platônicas e aristotélicas dessa questão, além da preciosa contribuição hipocrática acerca da medida natural de realização do homem enquanto um todo orgânico que, para ser harmônico, precisa manter-se nos limites naturais de realização da sua *phýsis*.

Vejamos as teses dos cirenaicos sobre o prazer e suas finalidades:

Segundo Diógenes de Laércio, os cirenaicos não admitem o prazer estável, mas apenas o prazer em movimento (LAÉRCIO. **Vidas X**, 1, 136). O prazer é por eles concebido como um objetivo imediato e limitado a ser alcançado, já que concordam entre si que o fim perseguido pelo homem é o prazer (de forma imediata), e não a felicidade (que supõe continuidade e duração). Para esses pensadores, apenas o prazer enquanto singularidade é concebível, pois ele é o resultado de uma ação que tem em si o seu fim, enquanto a *eudaimonía* supõe uma soma de prazeres (prazeres presentes, passados, e a esperança de realizá-los no futuro). Nesse sentido, eles se mostram céticos por não considerá-la passível de ser realizada (LAÉRCIO. **Vidas II**, 8, 89-93).

Ora, Epicuro, por sua vez, não destoa desse pensamento cirenaico que afirma a descontinuidade do prazer. Contudo, a noção de vida feliz (*makários zen*) não supõe uma indefinida continuidade do prazer, mas o estado equilibrado do corpo e da alma do indivíduo, que resulta do poder que tem de escolher e recusar, isto quando a situação depende exclusivamente dele. No seu recolhimento, o sábio exercita a memória e se recorda dos prazeres vividos, assim como projeta a busca por novos acontecimentos prazerosos, pois tanto a *anamnésis* (recordação) quanto a projeção imaginária (*hè phantastikè epibolè*) do prazer são momentos de prazer, não em movimento (*kìnesis*), mas em repouso (*kathástemas*).

Para os cirenaicos, é inconcebível a ideia de um prazer estável (que se mantenha numa relativa estabilidade), pois sendo devir, o prazer é momentâneo e fugidivo e fugaz. Por isso eles identificam a virtude à quantidade de momentos prazerosos, ou seja, a virtude aumenta conforme aumenta a quantidade de prazeres e esta virtude quantitativa é o que caracteriza o prazer (LAÉRCIO. **Vidas II**, 8, 88). Eles negam terminantemente a possi-

bilidade de se tomar por prazer tanto a ausência de dores físicas, quanto a imperturbabilidade da alma. Quanto a isso, segundo o relato de Diógenes Laércio: “no que concerne à ausência de dor pleiteada por Epicuro, eles (os cirenaicos) declaram que isto não é prazer, assim como a ausência de prazer não pode ser considerada dor” (LAÉRCIO. **Vidas II**, 8, 89).

Do ponto de vista de Epicuro, não existe um estado neutro, intermediário entre prazer e dor. Isto é, não existe um estado negativo, pois mesmo a dor é afirmada como um acontecimento natural, que, em determinadas circunstâncias, é inevitável. Afirma, portanto, a positividade da dor e valoriza o esforço para superá-la. Há que enfrentar a dor sem projetar pela imaginação temores infundados. Ele diz que determinadas dores podem ser suportadas e as enfermidades podem ser cuidadas adequadamente, quando estão sob o domínio do sábio.

Outra tese cirenaica que difere de Epicuro é a de que as dores físicas são piores que os sofrimentos da alma. E, mais que isso, “os prazeres do corpo são superiores àqueles da alma, e os sofrimentos do corpo mais dolorosos que os da alma” (LAÉRCIO. **Vidas II**, 8, 90). Nesse caso, Epicuro opera uma inversão nessa tese, a saber: os prazeres da alma são superiores aos do corpo. A justificativa é que a memória dos prazeres encontra-se na alma, assim como o pensamento que projeta os prazeres a serem alcançados no futuro. Enquanto que as sensações (*aisthesis*) causam deleite ao corpo, a memória conserva os afetos (*páthe*), tornando-os sentimentos (*prolépsis*) que alimentam o pensamento (*diánoia*). Há uma continuidade entre sensação, memória (sentimentos) e pensamento. Nesse sentido, Epicuro completa a análise do prazer, invertendo os polos da tese cirenaica.

Entretanto, o ponto mais importante da divergência entre os cirenaicos e Epicuro reside na afirmação de Aristipo segundo a qual todo e qualquer prazer deve ser buscado, pois “nenhum prazer difere do outro, e um prazer não é mais agradável que outro” (LAÉRCIO. **Vidas II**, 8, 87).

Epicuro, ao contrário, vai propor uma economia dos desejos para diferenciar os prazeres. Há prazeres ilusórios que resultam em dor. Esses devem ser evitados, quando for possível. Há prazeres que a imaginação constrói a partir de desejos que não são naturais nem necessários, que não são medidos pelo *logismòs* e pela *phrónesis*. São os chamados desejos vãos. Os prazeres derivados desses desejos são ilusórios, pois quando experimentados têm como consequência diversos tipos de pesar (dores, arre-

pendimentos, etc.). Por outro lado, quando satisfeitos os desejos naturais e necessários, o prazer é segundo a natureza e expressa a plenitude.

Em suma, Epicuro centrará a sua crítica aos cirenaicos na demonstração de que o prazer é constitutivo, isto é, que se inicia como movimento, mas sua finalidade é tornar-se estável. Para tanto, ele estabelecerá os conceitos de *phrónesis* e *logismós* para o discernimento entre os prazeres, ou ainda como “cálculo dos prazeres”.

O que interessa é definir um modo de vida em que os desejos que movem os homens possam encontrar um termo de feliz realização. Um estado possível, sem perturbações e sem sofrimentos. Esse estado é buscado como modo de realização do prazer. Por isso, podemos depreender das suas proposições que o sentido mesmo da filosofia é tornar claro o que seja o prazer e dimensionar a conduta do homem sensato como possibilidade constante de atingi-lo (realizá-lo).

Para tal, parte do princípio segundo o qual prazer e dor se excluem, já que o prazer é por natureza, ou segundo a natureza, um estado de ser. Um estado que passaremos a chamar de equilíbrio. Assim, o prazer identificado ao repouso, à calma, diz respeito somente à plena satisfação dos chamados desejos naturais e necessários.

Mas, o que garante a medida de realização desses desejos? O prazer, que é consequência do exercício efetivo das virtudes, ou, ainda, um modo de vida sensato, belo e justo, que, do ponto de vista de Epicuro, não se separa do exercício do prazer. Se considerarmos o prazer como exercício pleno da natureza própria de cada um, e se levarmos em conta o sentido de determinação de cada ser na natureza, podemos postular o critério de natureza e necessidade (isto é, do que é natural e necessário) para alcançar o sentido mais autêntico do prazer.

A compreensão dos modos como a *phýsis* se realiza torna-se, para Epicuro, um parâmetro para a medida do prazer. É como se o prazer fosse mesmo expressão da *harmonía* entre o *sophós* e o mundo, a qual se traduz por um estado em que o corpo encontra-se em equilíbrio (*eusthâtes*) e a alma, serena (*galénimos*). Com efeito, os prazeres do corpo (*sarkós*) resultam de um estado de repleção em relação aos desejos naturais e necessários, ao passo que a alma (*psyché*) mantém-se tranquila e equilibrada em função do esclarecimento acerca dos fenômenos do mundo físico. Para Epicuro, as afecções tristes que tornam a alma perturbada têm origem na ignorância

manifesta em relação a determinados acontecimentos da natureza, sobre os quais o homem expressa opiniões vazias, e o efeito de tais “*phantasias*” é o temor, que desequilibra a alma, povoando-a de falsas crenças, medos e angústias.

E assim como em seu alimento (o sábio) não escolhe o maior quantitativamente, mas o mais agradável, assim também do tempo (de viver) não escolhe o maior fruto, mas o mais prazeroso. (EPICURO. **Sentenças Vaticanas 68**)

É preciso ter em conta a singularidade de cada ato que venha a constituir o bem-estar ou o equilíbrio de um indivíduo, ou então o seu contrário. Estamos falando mais uma vez do poder de deliberar segundo a *phrónesis* e o *logismós*. Toda a deliberação está atrelada ao “cálculo” que revela os limites e possibilidades de cada ato. O *sophós-phronéo* não agirá a partir de qualquer opinião que lhe pareça correta, sem antes examinar os seus limites e as suas possibilidades, tendo em vista sempre a manutenção do seu equilíbrio físico e anímico, isto é, a sua saúde e a sua tranquilidade.

A ação do sábio no mundo deriva imediatamente da sua compreensão do que constitui este mundo, o que só se torna possível no exercício da *physiología*. Nessa medida, não há uma cisão, ou um afastamento entre compreender e ser, ou entre vida contemplativa e vida ativa. Ser sábio é conduzir em todos os momentos de modo autêntico e valoroso a própria vida. O equilíbrio visado pelo exercício da sabedoria resume-se na ausência de uma inautenticidade, de uma recusa, por ignorância, de buscar a compreensão da natureza das coisas. Esse equilíbrio traduz o prazer da realização da vida, em detrimento das angústias, desesperos e perda da alegria, fenômenos que podem ser identificados à dor. O bem é o prazer, e o prazer é o estado de equilíbrio alcançado e mantido pelo exercício da sabedoria.

4 – Sobre a relação entre amizade e prazer: Epicuro crítico dos cirenaicos

Para uma melhor compreensão do sentido prático que a *philia* adquire no pensamento epicúreo, torna-se necessário explicitar como o sentido natural da amizade leva em consideração a conveniência que muitas vezes mostra-se em sua origem.

Toda amizade deve ser buscada por ela mesma (dì heau tén haireté) mesmo que ela tenha a sua origem na necessidade de uma ajuda (tés opheleías). (EPICURO. **Sentenças Vaticanas 23**)

Epicuro não reduz a amizade ao seu caráter utilitário, mas afirma a conveniência inerente à busca e manutenção da amizade. Nesse sentido, ele difere significativamente dos pensadores cirenaicos, para quem a amizade é algo impossível de ser realizada. Theodóro, último representante da escola de Aristipo de Cirene, disse o seguinte:

A amizade não existe, pois não se pode encontrá-la nem entre os ignorantes, nem entre os sábios. Ela não é possível entre os ignorantes, porque está fundamentalmente ligada à utilidade e desaparece ao mesmo tempo em que desaparece a utilidade; e ela não está entre os sábios porque eles se bastam a si mesmo e, por isso, não têm nada a fazer com a utilidade de ter amigos. (GIGON, 1961, p. 319)

E o próprio Aristipo assim definiu a conduta do sábio:

O sábio age sempre em seu interesse próprio, pois está convencido de que nenhum homem lhe é igual em valor, e que mesmo quando o sábio acredita poder tirar o maior proveito de outro homem, este proveito está longe de se igualar àquele que ele proporciona ao outro. (GIGON, 1961, p. 319-20)

Epicuro concorda que o sábio pode proporcionar a outro homem uma amizade digna dos melhores homens, mas difere terminantemente quanto ao fato de o sábio agir sempre em proveito de si próprio, como também de nenhum outro homem lhe ser igual em valor, pois o sábio busca o convívio com outro sábio justamente pela semelhança de caráter existente entre eles. A impossibilidade da *philia* apregoada na assertiva cirenaica negligencia o valor natural do útil, ou do conveniente, que está no princípio de toda e qualquer relação e constitui os termos da confiança que sedimenta a amizade:

Nós não temos tanta necessidade da ajuda de nossos amigos, quanto da confiança nesta ajuda. (EPICURO. **Sentenças Vaticanas 24**)

Nem aquele que busca continuamente seu interesse é um verdadeiro amigo, nem aquele que jamais associa o interesse à amizade, pois um trafica favores para obter benefícios e o outro priva o pensa-

mento de toda boa esperança no futuro. (EPICURO. **Sentenças Vaticanas** 39)

Desse modo, pelo exposto acima, é correto concluir que a amizade nasce do interesse, da conveniência mútua (*ophéleia*), mas se alimenta da prática em conjunto da filosofia, isto é, da comunhão de pensamentos, no acordo entre as ideias e atitudes. Há, portanto, uma superioridade da amizade em relação aos outros tipos de sentimentos, sobretudo por ser, ao mesmo tempo, segurança e alegria:

O mesmo julgamento nos dá a segurança de saber que nenhum mal é eterno, nem mesmo de longa duração, tendo já percebido que a amizade nos proporciona o mais alto grau de segurança, compatível com os nossos males limitados. (LAÉRCIO. **Vidas X**, 148)

O propósito da amizade é o de ser, na prática, a comunhão de uma mesma filosofia (DUGAS, 1914, p. 20). Nesse sentido, é íntima a relação entre a amizade e o bem, que é o prazer, pois, dentre outras coisas, a amizade mostra-se isenta de paixões tais como o ódio, o rancor e a veneração. Além disso, a amizade não cumula em reação, pois é expressão de união e equilíbrio entre os homens que se afinam mutuamente, pela natureza de caráter e sabedoria. “O homem bem-nascido se dedica principalmente à sabedoria e à amizade: dois bens, dos quais um é mortal, e o outro imortal” (EPICURO. **Sentenças vaticanas** 78).

Epicuro define a filosofia como um saber para a vida e, ao mesmo tempo, define a vida feliz como o exercício da própria filosofia. Assim, *philosophía* e *makários zén* podem ser identificados. Mais que isso, a vida sábia, ou filosófica, é aquela que se funda na compreensão da natureza (*physiología*) e se realiza enquanto modo de ser próprio da sabedoria (*phrónesis*), que é, aos olhos desse pensador, o único procedimento autárquico que, por isso, pode engendrar a liberdade e o conseqüente poder de escolha e recusa, que norteará a vida feliz. O *sophós-phronéo* busca desviar-se de todo tipo de comportamento, ou conduta, que torne a vida desprezível, dolorosa e perturbada; em outras palavras, o sábio deplora todo valor que não realize a vida como prazer e não favoreça o equilíbrio no agir em relação às coisas do mundo. Seus critérios são rígidos e têm origem e termo nas sensações (*aístheseis*), uma vez que a medida do prazer é percebida e pensada sempre a partir das sensações, que são a matéria da percepção, tanto quanto do

pensamento (*diánoia*). Nesse sentido, o prazer torna-se o Bem, porque é o exercício pleno da própria finalidade da vida, que é o bem viver, o bem-estar, ou a vida feliz.

Quanto às comparações entre os cirenaicos e Epicuro elencadas por Diógenes Laércio, pode-se dizer que são importantes pelo resgate histórico da doxografia e pela caracterização de ambos os pensamentos; contudo, é preciso ter em conta a influência bastante significativa que o hedonismo cirenaico teve sobre a ética de Epicuro, o que nos faz compreender que o hedonismo epicurista é um aperfeiçoamento do cirenaico, o que, no fundo, mantém o legado socrático acerca da questão do prazer. Parece claro que Epicuro assimilou a crítica ao hedonismo cirenaico que encontramos nos textos de Platão e Aristóteles. A maior prova disso é o uso de um vocabulário comum, em que se destacam as noções de *phrónesis* e *logismós*.

Documentação escrita

DIÓGENES LAËRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. Gama Kury. Brasília: UNB, 1988.

DUGAS, L. **L'amitié Antique**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1914.

EPICURO. **Opere**. Introdução, texto crítico, tradução e notas de Graziano Arrighetti. Turim: Giulio Einaudi editore, 1960.

Referências bibliográficas

GENAILLE, R. **Vie, doctrines et sentences des philosophes illustres**. Paris: Garnier-Flammarion, 1965. v. 1.

GIGON, O. **Les grands problèmes de la philosophie antique**. Paris: Payot, 1961.

Nota

¹ Dentre os mais importantes estudiosos do assunto, ressaltamos M. Guyau, V. Brochard, A. J. Festugière, J. Salém, além dos antigos clássicos como Cícero e Sêneca.